

**DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES  
DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE**

UNIVERSITY TEACHING IN ARTS COURSES: STUDENT PERCEPTIONS ABOUT  
TEACHING PRACTICE

DOCENCIA UNIVERSITARIA EN CURSOS DE ARTES: PERCEPCIONES DE LOS  
ESTUDIANTES SOBRE LA ENSEÑANZA

Paloma Oliveira Bezerra<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0003-2595-0208>  
Narciso Larangeira Telles da Silva<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-7016-7805>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia, Brasil; [pobezerra@uesc.br](mailto:pobezerra@uesc.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; [narcisotelles@ufu.br](mailto:narcisotelles@ufu.br)

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma análise da docência universitária no contexto dos cursos de Artes no que diz respeito à percepção discente sobre o fazer docente. Essa discussão tem como finalidade ampliar o conhecimento acerca da docência universitária, contribuindo com os debates a respeito da docência na educação superior. A opção metodológica adotada é definida como qualitativa, dado o seu caráter interpretativo. A construção dos dados tornou-se possível por meio de questionários. Entre os resultados mais significativos estão: ao justificar suas escolhas quanto aos docentes que contribuíram para sua formação, os discentes participantes da pesquisa não elencaram elementos relacionados a uma produção artística reconhecida. Sobressaiu para os estudantes o fato de os docentes terem domínio do conteúdo, boa didática para ensinar, conhecimento na área e o planejamento das aulas. Sobretudo, destacamos o entrelaçamento das práticas docentes e artísticas no contexto universitário. Ainda, emergiu o conceito de professor bem-sucedido.

**Palavras-chave:** Docência Universitária; Artes; Professor bem-sucedido(a).

**ABSTRACT:** This article presents an analysis of university teaching in the context of Arts courses with regard to student perception of the teaching practice. This discussion aims to expand knowledge about university teaching, contributing to the debates about teaching in higher education. The methodological option adopted is defined as qualitative, given its interpretative character. The construction of the data became possible through questionnaires. Among the most significant results are: when justifying their choices regarding the teachers who contributed to their training, the students participating in the research did not list elements related to a recognized artistic production. It stood out for the students the fact that the teachers have mastery of the content, good didactics to teach, knowledge in the area and the planning of classes. Above all, we highlight the intertwining of teaching and artistic practices in the university context. Also, the concept of successful teacher emerged.

**Keywords:** University Teaching; Art; Successful teacher.

**RESUMEN:** Este artículo presenta un análisis de la docencia universitaria en el contexto de las carreras de Artes en relación con la percepción de los estudiantes sobre la docencia. Esta discusión tiene como objetivo ampliar el conocimiento sobre la docencia universitaria,

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

contribuyendo a los debates sobre la enseñanza en la educación superior. La opción metodológica adoptada se define como cualitativa, dado su carácter interpretativo. La construcción de datos fue posible a través de cuestionarios. Entre los resultados más significativos están: al justificar sus elecciones respecto de los docentes que contribuyeron a su formación, los estudiantes participantes de la investigación no enumeraron elementos relacionados con una producción artística reconocida. Lo que destacó para los estudiantes fue el hecho de que los profesores tenían dominio del contenido, buenas habilidades docentes, conocimiento en el área y planificación de lecciones. Destacamos, sobre todo, el entrelazamiento de las prácticas docentes y artísticas en el contexto universitario. Además, surgió el concepto de profesor exitoso.

**Palabras clave:** Docencia Universitaria; Arte; Maestro exitoso.

## Introdução

Em meio às transformações pelas quais o cenário universitário vem passando, em razão das mudanças do mundo contemporâneo, evidenciamos inúmeros desafios vivenciados pelo docente, em virtude da complexidade e pluralidade de pressupostos que constituem a docência superior. Questões quanto à identidade, competências, formação, saberes e práticas do docente superior vêm sendo problematizadas no campo educacional.

Ainda nesse cenário, há uma valorização do profissional-professor em lugar do professor-profissional e um amplo foco na titulação e produção científica como um sinônimo de docente bem-sucedido. Dado o contexto, o presente trabalho se propôs aos seguintes questionamentos: Quem são os professores (as) bem-sucedidos (as) no exercício da docência superior na perspectiva do discente? Quais os elementos caracterizam os professores (as) bem-sucedidos (as) no exercício da docência superior?

Uma pesquisa, independente da área em que se realiza requer um olhar minucioso e atento, por isso, a construção de dados é sempre seletiva. Ao escolher o objeto de estudo, deve-se focar no mesmo para entendê-lo e perceber suas particularidades. Contudo, a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador mergulhar e ler nas entrelinhas. Consente também, ir além dos olhos. É necessário pesquisar com o corpo e todos os sentidos que ele nos oferece, para que os dados sensíveis sejam levados em conta, possibilitando conhecimentos e saberes mais abrangentes.

A abordagem de pesquisa aqui utilizada foi à qualitativa, a escolha se deu visto que, segundo Lankshear e Knobel (2008), faz pouco uso de formas estatísticas de análise, não pressupõe grandes amostras e está especialmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seus mundos sociais e culturais. Para desenvolver a análise dos dados, optou-se pela Análise de Conteúdo, visto que por detrás do

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar (Bardin, 2011).

Nessa perspectiva, salientamos que nosso objeto de estudo é a docência universitária, mais especificamente, o desenvolvimento profissional docente no contexto dos cursos de Artes (Teatro, Música e Artes Visuais). Contudo, assim como na trama de uma novela, em que as histórias dos co-adjuvantes podem tornar-se tão importantes quanto dos protagonistas. Consideramos necessário versar sobre o professor (a) bem-sucedido (a) no exercício da docência universitária, através do olhar discente<sup>1</sup>. Ao analisarmos os questionários dos discentes, no qual solicitava a indicação de um professor que no exercício da docência superior contribuiu para formação do mesmo e a justificativa dessa escolha, emergiu o conceito de bem-sucedido. Afinal, o professor pode ser bem-sucedido no exercício da docência? Quais os elementos/características são necessários para considerar um professor, no seu exercício profissional, como bem-sucedido?

Para iniciarmos essa conversa, é preciso ratificar que não temos o intuito de definir conceitos, pois, além de não ser uma tarefa fácil, como estamos abordando processos formativos e identitários, compreendemos que se deve estar sempre aberto para as possibilidades, para o devir. Também, não estamos desenvolvendo um discurso utópico sobre o professor ideal. Como se trata das características/elementos informados pelos discentes ao justificarem suas escolhas, o professor aqui delineado é um professor real. E corroboramos das ideias de Larrosa (2008), para dizer que o real não é lógico, não tem causa nem efeito, não é intencional,

[...] O real só acontece na medida em que escapa ao que já sabemos, ao que já pensamos, ao que queremos. [...] Porque o real, aquele que é válido como real, aquele que tem a força e o brilho e a intensidade do real, é presença, e não representação. Uma presença que transborda qualquer representação (Larrosa, 2008, p. 187-188).

Nessa perspectiva, nas linhas que se seguem revelamos a presença, o encontro, a reflexão entre os significados teóricos difundidos no meio acadêmico e as percepções cotidianas dos discentes a respeito do fazer docente.

---

<sup>1</sup> Os dados analisados são parte de estudos da pesquisa de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **Ser bem-sucedido (a) no fazer docente: entrelaçando concepções e práticas**

Buscamos na literatura acadêmica subsídios para nossa discussão e encontramos diversas pesquisas que utilizam a expressão em estudo (bem-sucedido) como sinônimo de bom professor. Iniciamos então com a análise das produções acerca do bom professor.

Em livro intitulado “O bom professor e sua prática”, Cunha (2008, p. 155), expõe que “o conceito de bom professor é valorativo, com referência há um tempo e um lugar. Como tal é também ideológico [...]”. O trabalho tem, entre outros, o objetivo de esclarecer quem é o bom professor e tentar analisar seu cotidiano a partir do contexto histórico que lhe é dado. Dessa forma, a autora chega ao final da sua pesquisa com algumas conclusões, entre elas: a ideia de bom professor é variável entre as pessoas; não há como fazer qualquer generalização; os bons professores reconhecem influências significativas da família com relação a valores; são capazes de analisar a realidade nacional como numa fase de crise; explicitam para seus alunos o objetivo do estudo que vão realizar, entre outros (Cunha, 2008). Nessa perspectiva, a autora aponta que:

Os nossos bons professores manifestaram inúmeras habilidades de ensino. Elas podem ser reunidas em cinco grupos: organização do contexto da aula, incentivo à participação do aluno, trato da matéria de ensino, variação de estímulo e uso da linguagem (Cunha, 2008 p. 164).

Assim, compreende-se que os bons professores apontados por Cunha (2008), referem-se aos professores bem-sucedidos, que podem ser identificados/reconhecidos como tal pela articulação dos seus saberes/práticas com uma relação amigável com seus estudantes, incentivo a participação e estímulos inovadores.

Conforme André, Rosa e Beilloret (2012), pesquisar práticas de “bons professores” torna-se importante na medida em que se desloca do foco de atenção do fracasso para o sucesso, considerando que as contradições da escola brasileira, especialmente da pública, que são reais, vêm sendo bastante exploradas e pouco se tem dito sobre o que vem dando certo.

Feltran (2003), abordando a sabedoria no melhor professor universitário, questiona a profissionais que cursavam Especialização em área técnica ligada à Veterinária e à Zootecnia: Qual foi o seu melhor professor universitário? Como ele ensinava? Como ele avaliava seus alunos e o que o distinguia dos demais? Após suas constatações, a autora indica que a personalidade, a conduta, o método de ensino, a sistemática de avaliação, o compromisso com o ensino, dentre tantos outros fatores foram lembrados pelos sujeitos da pesquisa a respeito do melhor professor universitário.

Todavia, percebemos que o tema não é muito pesquisado no Brasil e que há uma variedade de definições e grupos responsáveis pelos sentidos atribuídos para o termo, quando se trata do professor. Em algumas pesquisas, os professores bem-sucedidos na docência são definidos pelos gestores das instituições, já em outras investigações, são os alunos e/ou os resultados satisfatórios obtidos no processo de ensino/aprendizagem que identificam quem são esses professores.

Papi (2011), em sua tese, “Professoras iniciantes bem-sucedidas: um estudo sobre seu desenvolvimento profissional” assinala que:

professores bem-sucedidos são aqueles que apresentam, a partir da visão das participantes, características que se referem aos seguintes eixos de análise: Elementos pessoais, Prática pedagógica, Relação com os alunos, Relação com os colegas e Formação contínua (p. 56).

Notamos que embora haja uma diversidade de aspectos levados em consideração ao definir quem são os professores bem-sucedidos, as experiências de vida, os saberes e práticas e a relação com os estudantes são evidenciados em grande parte dos estudos.

Souza, Medeiros e Carneiro (2009) em trabalho sobre os saberes e fontes de aprendizagens de professoras consideradas bem-sucedidas, evidenciaram que vários fatores influenciam o trabalho do professor bem-sucedido, dentre eles: os cursos de formação inicial e continuada; o trabalho em equipe; a fé/religiosidade; o suporte familiar; a ética; o reconhecimento da profissão docente pela família dos estudantes e dos pares; o respeito pelos estudantes; e a autovalorização.

## **Percepções discentes sobre o fazer docente: composições sobre ser bem-sucedido**

E os docentes dos cursos de Artes? Quais as características necessárias para serem considerados bem-sucedidos no exercício da docência?

Acreditávamos que ao justificar suas escolhas quanto aos docentes que contribuíram para sua formação<sup>2</sup>, os discentes participantes da pesquisa iriam elencar elementos relacionados a uma produção artística reconhecida. Essa também constituiu como uma questão, entretanto, foram elencadas principalmente competências relacionadas ao exercício da docência, independente da área de atuação do professor, como o planejamento, a sistemática de avaliação,

---

<sup>2</sup> Apresentamos aos discentes duas questões abertas com a finalidade de que eles na primeira indicassem um e/ou dois docentes que no exercício da docência superior contribuíram para a sua formação e na segunda questão, a justificativa dessa escolha.

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

a dinâmica das aulas, a flexibilidade, o diálogo, a pontualidade, a didática, a disponibilidade, o bom relacionamento com os estudantes e o incentivo as pesquisas deles.

Todavia, quando abordamos o fazer docente é imprescindível compreender:

que só existe ação docente porque existe uma realidade objetiva. Entretanto, essa ação não deve ser um ato passivo, mas uma práxis. Nenhuma ação docente deve se dar fora da consciência crítica do mundo, da concepção de um exercício docente humanizador, libertário e emancipatório (Cruz; Ferreira, 2023, p. 541).

De tal modo, a seguir conversaremos um pouco, entre as tantas características identificadas, sobre aqueles mais presentes nas respostas dos discentes. Iniciamos tratando do Conhecimento da área de atuação,

As duas professoras possuem um conhecimento teórico/prático excelente e com bom domínio dos temas sempre abordados e discutidos/negociados junto aos alunos (Teatro – Licenciatura<sup>3</sup>).

[...] por seu vasto conhecimento na matéria que leciona no curso, a gravura em metal (Artes Visuais – Bacharelado).

O livro ambulante, sabedoria ao falar se expressa como se estivesse lendo um texto de entendimento riquíssimo, tudo tem referências, e com facilidade considero-a muito inteligente, sabe muito e valoriza tudo que expomos em palavras, não tem preguiça de forma alguma, dedicadíssima (Artes Visuais – Licenciatura).

Este professor consegue reunir uma variada gama de conhecimento e habilidades musicais, ao mesmo tempo em que estimula aos alunos no desenvolvimento destas habilidades e nas descobertas e construções dos conhecimentos (Música- Licenciatura).

Na estrutura organizativa do ensino superior no Brasil, o domínio de conhecimentos específicos da área de conhecimento (ou disciplinares) e a experiência profissional sempre foram privilegiados como os únicos requisitos para a docência nos cursos superiores.

[...] Até a década de 1970, embora já estivessem em funcionamento inúmeras universidades brasileiras e a pesquisa fosse então um investimento em ação, praticamente exigiam-se do candidato a professor de ensino superior o bacharelado e o exercício competente de sua profissão (Massetto, 2003, p. 12).

O processo de ensino era realizado segundo a crença de que os conhecimentos e experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece para um aluno que não sabe e não conhece. Contudo, dado o contexto histórico, social, cultural e econômico vivenciado na contemporaneidade, o conhecimento em determinada área e a experiência

---

<sup>3</sup> Os discentes não foram identificados nos questionários, informaram o período, o curso e a modalidade. Aqui, utilizaremos o curso e a modalidade para identificar as respostas dos discentes.

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

profissional já não são suficientes para atuação do docente universitário. E os discentes, deixam isso claro ao expor que o professor “[...] sabe muito e valoriza tudo que expomos em palavras” e que “[...] temas sempre abordados e discutidos/negociados junto aos alunos”. Ou seja, além de ter conhecimento da área de atuação é preciso que o professor integre as experiências dos alunos, valorizando a participação. Com os adventos tecnológicos que marca a contemporaneidade, o conhecimento está ao alcance de todos.

O professor não é mais o detentor do saber, há que se considerar então o que o aluno traz para a sala de aula o que sabe. Assim, professor e aluno constroem uma via de mão dupla onde, como proferiu Freire (2011), quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. E não se trata apenas de ensinar a aprender ou aprender a ensinar. Mas aprender o que não se sabe, e ensinar o que se vivenciou.

Para Masseto (2003, p. 23), à docência existe para que o estudante aprenda. Desse modo,

“[...] não há como se promover essa aprendizagem sem a participação e parceria dos próprios aprendizes. [...] Incentivar essa participação resulta em uma motivação e interesse do aluno pela própria matéria, e dinamização nas relações entre aluno e professor facilitando a comunicação entre ambos. O aluno começa a ver no professor um aliado para sua formação, e não um obstáculo, e sente-se igualmente responsável por aprender.

Observamos nos questionários, como os discentes percebem e consideram importante o professor que sabe dialogar, que procura ter um bom relacionamento com a turma, que tem disponibilidade, que está atento e compreende as particularidades de cada discente, que incentiva, que excita o olhar reflexivo e que extrapola o currículo do curso.

Apontaria a relação que estabelece em sala de aula e a presença das vontades, desejos e interesses pelo processo de formação. Ao olhar as descobertas do outro indivíduo, o graduando, reconhece a si mesmo e se questiona (Teatro – Licenciatura e Bacharelado).

Ambas são atenciosas quanto à dificuldade do aluno, discutem problemas do cotidiano do ensino, levanta questões que não estão integradas ao currículo do curso, mas que são de extrema importância, também estimulando para desenvolvimentos de projetos educacionais, e também ambas abrem o olhar reflexivo para questões educativas necessários para atuação docente (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Esses professores estão sempre disponíveis a auxiliar os alunos no processo do aprendizado, sempre buscam se atualizar e passar o conhecimento para os alunos. Esses professores são acessíveis e estão sempre abertos a construir o conhecimento junto ao aluno (Música – Bacharelado).

Nesse sentindo, embora entendamos que toda aprendizagem é pessoal, é preciso embasá-la em um bom relacionamento interpessoal. Pois, o professor que cultiva um bom relacionamento com seus alunos contribui para despertar/incentivar o interesse do mesmo,

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

concorrendo para sua aprendizagem. Além disso, os vínculos que se estabelecem no exercício da docência universitária são extremamente importantes para o trabalho do docente.

É na interação, na socialização, na relação com os pares, os discentes e a instituição que o docente constrói sua identidade profissional. Por isso, a identidade docente não é um dado inerte, vai se constituindo aos poucos, sendo produzida ao longo das trajetórias profissionais, através das nossas vivências, experiência na vida pessoal e profissional (Teixeira, 2009).

Ao compartilhar suas vivências o professor também contribui com a formação do aluno. Esse fator foi considerado pelos discentes ao apontar as características do docente que deixam marcas na formação.

[...] pois elas apresentam todas as características de professores humanos e competentes que conseguiram ao longo de toda sua formação condensar suas idéias e aprendizados e nos passam com perícia e propriedade (Teatro – Licenciatura).

Ela sempre foi muito atenciosa com todos os alunos e me motivou a acreditar no poder do professor de artes, mostrando a partir da vivência própria dela, como é possível transformar pra melhor o desempenho do aluno com quem trabalha independente de seu nível escolar (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Entretanto, não se trata apenas de discorrer sobre as vivências no mercado de trabalho, como se isso fosse suficiente numa sala de aula para que a formação aconteça. É necessário que ao compartilhar suas trajetórias, o professor torne isso uma experiência para o aluno. “[...] A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (Larrosa, 2002, p. 25). Desse modo, a experiência concordando com Larrosa é aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, assim é diferente para cada um.

A explicação da experiência deve sempre se ancorar em práticas experienciais, na observação de um dado fenômeno e na nossa leitura deste ato, pois a experiência ocorre no fazer (Telles, 2012). Ainda, partindo da discussão de Gadamer (1996), Telles revela que a experiência como atitude de pesquisa poderá proporcionar ao pesquisador e pesquisados a possibilidade de pertencer-se uns aos outros e ao mesmo tempo poder-ouvir-se-uns-aos-outros. Entendemos que o mesmo deve ocorrer na sala de aula, esse espaço-tempo em que docente e discente se dispõem a ouvir-se e pertencer-se uns aos outros, promovendo um encontro, um acontecimento.

Aqui, pautamo-nos em Freire (2001) para pontuar outros elementos assinalados pelos discentes, com o intuito de compreender o que faz um professor ser bem-sucedido no exercício da docência.

O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. O fato, porém, de que ensinar



# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe. A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (*ibidem*, p. 259-260).

Consideramos que o professor aprende a ensinar ensinando. Todavia, a docência não se trata de uma aventura onde se decide para onde ir no momento da caminhada, ou uma atividade em que possa ser aplicado um conjunto de técnicas. Ensinar exige preparação, capacitação, formação. Conforme Diniz-Pereira (2006), as mudanças na concepção da formação de professores refletem as diferentes formas de conceber o trabalho docente ao longo dos anos, de mero transmissor de conhecimentos o professor passou a ser visto como agente político.

Todavia, considerando que a educação é cumprida pelo homem e para o homem, compete a tarefa de humanizá-lo, tendo por princípios a pluralidade, a integralidade, a verdade e a ética, tanto do sujeito quanto do pedagógico. Deve-se, portanto, questionar essa educação que fica apenas “[...] produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas [...]” (Adorno, 1995, p. 143). Para isso, é preciso pensar na Formação Humana. O autor refere-se à formação humana como uma questão imprescindível para que a educação não se torne uma mera ferramenta de adaptação. Conforme os autores, o ensino deve ser formativo não enquanto conformação, mas no sentido de fazer-se, de construir-se em devir.

Mas, para isso é necessária uma formação pela reflexão, permanente e contínua. Tem-se assim, o professor como profissional reflexivo que pensa em sua prática e cuja atividade alia-se a pesquisa.

Temos no nosso curso um corpo docente que reflete constantemente o exercício enquanto educadores, e essa é, na minha opinião, a principal característica positiva de um educador (Teatro – Licenciatura).

Busca constante por qualificação (Música – Licenciatura).

[...] que tem uma vivência acadêmica muito grande, [...] muita experiência e estudo na área, além de mestrados e doutorados (Música – Bacharelado).

Os professores mostravam que tinham preparo anterior das suas aulas e conseguiam orientar os seus alunos de acordo com a necessidade de cada um. (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Excelente professora, percebi que foi dedicada na sua formação, sabe o que fala e do que fala (Artes Visuais – Bacharelado).

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

Observamos que quando falam da formação, os discentes tratam não apenas da formação inicial, mas percebem a diferença daqueles professores que estão sempre buscando uma formação continuada. “Cada vez mais toma-se consciência de que a formação profissional não se encerra na escola, mas continua durante toda atividade da pessoa, obrigando a uma atualização permanente” (Barreiro, 2003, p. 81-82).

É o docente reflexivo que poderá exercer os elementos que fazem parte da educação: saber ouvir, saber observar e saber agir. De tal modo, é fundamental que a aula universitária seja planejada. E para isso o docente deve estabelecer um plano de ensino que esteja pautado nos objetivos e na filosofia do curso em que atua. Esse fator foi outro aspecto identificado pelos discentes, os professores que se preparam para as aulas, que pesquisam, estudam o tema desenvolvido. Enfim, que planejam, apresentam e cumprem o Plano de Ensino.

Mesmo um professor sendo da área de teoria e outra da pedagogia eu percebo no exercício da docência de ambas um comprometimento com o ensinar; fica claro a pesquisa e dedicação no início de cada semestre letivo ao nos apresentar o plano de ensino e conseguem o cumprir, salvo quando a turma encaminha por outro trabalho, mostrando mais uma vez o comprometimento dos professores já que possuem pulso firme e a confiança necessária das atividades ao mesmo tempo que são abertas a discussão e reflexão das próprias praticas (Teatro, Licenciatura e Bacharelado).

Os professores mostravam que tinham preparo anterior das suas aulas e conseguiam orientar os seus alunos de acordo com a necessidade de cada um (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Professora dedicada em suas aulas para pra ouvir todos os alunos nas discussões em sala de aula, projetos e programas de suas aulas sempre bem elaborados (Música – Licenciatura).

[...] forma de conduzir a aula de acordo com os objetivos previstos no plano de curso (Música – Licenciatura).

Um plano de ensino é a exposição organizada do conjunto de decisões tomadas pelo professor em relação à disciplina que se propôs a lecionar, é construído antes de o curso iniciar, mas não deve ser inflexível. À medida que a interação com os estudantes acontece, o docente deve ir adaptando o plano (Masetto, 1990). Ainda, conforme Malusá (2003) é por meio do plano de ensino que o professor expõe sua responsabilidade com esta ou aquela disciplina, mostrando a orientação que dá a seu trabalho.

Tomando a flexibilidade do plano de ensino, caminhamos para as demais características do professor (a) bem-sucedido (a) no exercício da docência. Ao apresentar o plano de ensino, o professor deve permitir a participação dos alunos, e assim proporcionar aos mesmos trazer

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

suas próprias experiências para a sala de aula. Esse fator também foi utilizado pelos alunos ao justificarem suas escolhas,

Ambos os professores possuem a capacidade de ouvir o aluno e de permitir que o mesmo inclua no programa das aulas seus próprios descobrimentos durante o processo de aprendizagem. Os professores são quem conduzem estas novas descobertas, mas não se fecham às propostas dos alunos (Teatro – Bacharelado).

Considero as duas professoras devido a sua capacidade de desenvolver nos alunos a capacidade de extrair os saberes de suas próprias experiências, sem entregar um “resultado” pronto (Teatro – Licenciatura e Bacharelado).

Ainda nesse momento, de apresentação do plano, o professor deve propor um contrato didático. Conforme Anastasiou (2006), o contrato didático é um documento onde se identificam, definem e registram dados norteadores do processo e “no qual as partes definem e assumem ações, compromissos e formas de enfrentamentos dos desafios presentes no ato de ensinar e de aprender os conhecimentos ali propostos” (p. 162).

Nas considerações de Avelino, Correa e Dops Miguel (2022), o bom ensino não deve ser considerado apenas no seu desenvolvimento pessoal, mas por meio das relações sociais que ocorrem em âmbito escolar.

Nessa perspectiva, ao realizar um contrato didático, estamos repensando a aula universitária, dando voz aos nossos alunos. Ao provocar a participação dos discentes, ao questioná-lo sobre os professores que no exercício da docência superior contribuíram para sua formação, características referentes à aula foram as mais elencados nos questionários.

O desenvolvimento e a dinâmica das suas aulas são as maiores características/competências desse professor (Música – Licenciatura).

Uma professora cujo a experiência é vasta e em suas aulas além de muita clareza no ensino os exemplos práticos, só tornam ainda mais interessante pois ela aproxima o aluno de fato ao que ela deseja ensinar usando recursos inúmeros para isso (Teatro – Licenciatura).

Pela dinâmica na sala de aula, diferentes formas de apresentar e ensinar o conteúdo de suas aulas [...] trazendo sempre formas menos maçantes de ensinar para um conteúdo tão extenso (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Consegue ser lúdico e instigante mesmo sua disciplina sendo difícil e cansativa (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

A aula é um acontecimento, um encontro. Entretanto, quando se fala em docência universitária, o ensino parece algo distante:

“dar aulas” passa a ser algo “de menor valor”, principalmente quando se tem uma demanda grande de outras tarefas a serem cumpridas no interior das instituições: bancas, orientações de alunos, participação em eventos científicos, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, os estudantes são

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

penalizados muitas vezes com a má qualidade das aulas em virtude do despreparo de seus professores (Teixeira, 2009, p. 34).

O docente universitário hoje está envolvido em tantas atividades, comissões, trabalhos burocráticos, reuniões, editais de financiamento, entre outros, que a sala de aula poderá ser o espaço menos frequentado pelo professor, trazendo grandes prejuízos para o estudante, o próprio docente e a instituição.

É preciso considerar o tripé que dá sustentação à universidade (Ensino, Pesquisa e Extensão), mas o ensino deve ser saboreado com mais envolvimento. Afinal, também se produz conhecimento pelo ensino,

[...] Se a pesquisa dá enorme contribuição à formulação de novos parâmetros científicos, a produção do conhecimento pelo ensino, antes de produtos científicos, alcança a produção do pensamento, a capacidade cognitiva e estética do aprendiz (Cunha, 1997, p. 91).

Conforme Libâneo (2003), o ensino constitui-se como função específica da universidade, entendida como produtora de conhecimento e prestadora de serviço. Entendendo que “não existe ensino em geral, existe ensino nas salas de aula” (p. 1), consideramos que é

[...] na sala de aula que os professores exercem sua influência direta sobre a formação e o comportamento dos alunos: sua postura em relação ao conhecimento específico de sua matéria, aspectos do relacionamento professor-aluno, sua atitude em relação à instituição, seu planejamento, sua metodologia de ensino, seus valores, seu relacionamento com colegas de outras disciplinas (*Ibidem*, p. 2).

É nesse contexto que destacamos um ponto essencial no contexto dos cursos de Artes, e que devem ser considerados nos demais cursos, pelos demais docentes universitários. Nos cursos de Artes, mesmo nos componentes de cunho mais teórico, a aula é sempre um evento. A paixão e o prazer em ensinar arte permitem o envolvimento, a experiência como desencadeadora dos processos formativos. Costa (2009), em sua pesquisa sobre as experiências de formação do professor artista, relata que mesmo vivenciando um clima de instabilidade e incertezas<sup>4</sup>, os professores mantinham a qualidade das aulas, à paixão pelo que ensinam e a paixão por dar aulas,

Eles fecham a porta da sala e deu, os problemas ficam todos lá fora e a gente se concentra no trabalho da aula mesmo [...] ao observar essas movimentações, chamou minha atenção o perfil dos alunos do curso que acompanhei: mobilizados, interessados e com um brilho nos olhos que, para mim denotava o compartilhamento da mesma paixão de seus professores (*Ibidem*, p. 24).

---

<sup>4</sup> Referem-se às particularidades da instituição pesquisada. Para mais detalhes ver dissertação.

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

Prazer e paixão em ser docente foram aspectos destacados pelos discentes, que compreendem esse professor apaixonado como aquele que deixa marcas em sua formação.

Amor pela música e pela docência (Música – Licenciatura).

Ela me mostrou o lado bom de ser professor e com isso me senti motivado a continuar licenciatura e me ajudou a desenvolver um material didático que hoje foi aprovado pela lei municipal de incentivo à cultura (Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado).

Penso que é uma pessoa que faz o que gosta, é realizado profissionalmente. Sabe o que faz. É apaixonado pela história da arte, seguro e tem didática p/ levar uma aula extensiva de história da arte com muitos alunos (Artes Visuais – Licenciatura).

Um professor que inspira os discentes com a sua própria prática artística. O trabalho de ator dele está diretamente ligado com o seu trabalho de docência (Teatro – Licenciatura e Bacharelado).

O primeiro por demonstrar paixão por aquilo que faz (dar aulas) e conseguir inspirar em mim a mesma paixão (Teatro – Licenciatura).

Aqui, retomamos a leitura de Larrosa (2002) para dizer que esse professor apaixonado pela docência e pela arte, que consegue encantar seus alunos é aquele “sujeito da experiência” (Ibidem, p. 24). Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer,

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é, sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos (Larrosa, 2002 p. 24).

Quando delineamos todas as características apontadas pelos discentes ao descrever o professor que no exercício da docência universitária deixou marcas, contribuindo em sua formação, chegamos ao sujeito da experiência, aquele que se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade, por sua abertura, por sua atenção. Esse é o docente que estar aberto ao prazer e a dor, porque o professor também sofre, adocece, se entristece no exercício de sua profissão,

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

[...] a dor de ser professor, que como vimos passa pela negação de saberes, pela desqualificação da imagem social, pela crise de identidade, pela proletarianização, pelas condições de trabalho aviltante, pela falta de formação continuada para atendimento às diferenças leva a exaustão e à convivência com um ambiente cada vez mais desencantador. O grau de tensão aumenta cada vez mais o desgaste e impede a tranquilidade, o sorriso e a escolha de atitudes e valores humanos apropriados para as diversas situações (Rabello, 2013, p. 103).

Aí, mais uma particularidade do artista que deve ser considerada. Os momentos de solidão, de angústia, de sofrimento, podem fortalecer ou desencadear perdas irreparáveis. Na arte, em todas suas linguagens, a dor é um elemento imprescindível. Frida Kahlo (1907 – 1954), por exemplo, teve na dor sua matéria. Consumindo todo seu sofrimento em arte, hoje, há quase setenta anos após sua morte, ela continua sendo influência no contexto artístico. O artista vive a amargura e a partir dela revela seus sentimentos e aguça nossos sentidos. Talvez por isso, por permitir ser território de passagem, o artista tenha sempre um brilho no olhar, uma melodia na voz, uma sensibilidade que exala pelo corpo. Assim, o docente que também é artista, seja por sua formação ou por desenvolver uma prática artística, transforma a aula num acontecimento.

Todavia, acreditamos que a docência em si deve ser encarada também como prática artística. Barreiro (2003), em suas pesquisas sobre a prática docente na universidade, chega à conclusão de que a docência está num meio caminho entre o “saber técnico-científico e o saber artístico-criativo, por isso o professor diferenciado deve ter o conhecimento do pesquisador proficiente e o desempenho pedagógico do artista inovador” (p.48).

Assim, compreendemos a docência como uma arte. Essa docência que se faz artista nos diz Loponte (2008), é concretizada quando o professor assume o seu trabalho como devir, como processo de ir e vir, de desenhar-se, rascunhar-se, trabalho este que só pode ser realizado na coletividade, nas relações, no compartilhar das experiências.

As relações intersubjetivas são fundamentais para a formação docente. Não há estética de si mesmo na solidão. A formação docente é uma ação compartilhada com pares, grupos diversos (dentro ou fora da escola). Olhar à docência esteticamente, como uma “obra de arte” é de alguma forma assumir que a cena docente é feita de dificuldades, dissonâncias, resistências, frustrações, erros, acertos, mudanças de rumo, dúvidas, incertezas, conquistas, sucessos. E aí à docência pode sim aprender muito com os artistas [...] (*Ibidem*, p. 5).

Nesse contexto, ser docente universitário hoje consiste em trabalhar com um coletivo. Para isso, é necessário humanizar as relações e educar para a sensibilidade, para a consciência coletiva, buscando um trabalho que integre professores e alunos das diversas áreas do conhecimento, a instituição e a comunidade. Ainda, salientamos em acordo com Bioto (2022) que ao buscar o sentido e o valor da atividade docente, é necessário questionarmos o lugar social

da classe docente, do seu estatuto profissional e de sua identidade. Desse modo, a discussão do “[...] ser professor é a discussão do que é ser professor em determinados contextos. Mais do que fundamentos da docência, há que se exercer uma reflexão em busca das condições de possibilidade de existência de uma docência digna, humana e frutífera” (Bioto, 2022 p. 30).

## **Parada Provisória**

Por que parar? E o que é provisório? Parar não seria estagnar? Na contemporaneidade isso é aceitável? Por que não falar em conclusões?

Sim, essa parada não deixa de apresentar as conclusões do estudo ora proposto. Mas, ao falar em parada provisória, remetemos aos significados que esse momento produz. E aqui, a provisoriedade. Embora apresente avanços, escolhemos não falar em última parada, ou parada final, pois, se tratando de um estudo que envolve a formação humana, outras considerações poderão ser realizadas no amanhã, possibilitando, entre outros, novos estudos.

Considerações feitas, evidenciamos que conhecer o olhar do estudante permitiu compreender que não há docência sem discência. Assim como, possibilitou apresentar o discente como cidadão com direito a ser ouvido e com competência para observar, refletir e opinar sobre o cotidiano acadêmico.

Entrelaçando a perspectiva teórica e as percepções dos discentes participantes da pesquisa ora apresentada, quanto ao questionamento de quais os elementos caracterizam os professores (as) bem-sucedidos (as) no exercício da docência superior, foram elencadas principalmente competências relacionadas ao exercício da docência, independente da área de atuação do professor, como o planejamento, a sistemática de avaliação, a dinâmica das aulas, a flexibilidade, o diálogo, a pontualidade, a didática, a disponibilidade, o bom relacionamento com os estudantes e o incentivo as pesquisas dos mesmos.

Contudo, observamos e reiteramos que ao analisar e entrelaçar a perspectiva teórica e as percepções dos discentes, o professor bem-sucedido no exercício da docência universitária, aquele que contribuiu significativamente para/no conhecimento do estudante e que o auxiliou a desenvolver-se pessoal e profissionalmente, é o docente que compreendendo a complexidade de sua profissão, se coloca a caminhar, o sujeito da experiência.

# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

## Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução, Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANASTASIOU, L. das G. Docência na educação superior. In: RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P. (Orgs.). **Docência na educação superior**: Brasília: Instituto de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 147-171.

AVELINO, W. F.; CORREA, A. C.; DEPS MIGUEL, K. C. “A escola como espaço de aprendizagem: implicações para as Políticas Educacionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 25, 2022.

ANDRÉ, M. ROSA, D. E. G.; BEILLORET, J. **O Papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12. ed. Campinas - SP: Papirus, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARREIRO, A.C.M. A prática docente na Universidade. In: MALUSÁ, S. **A Prática da docência universitária**. São Paulo: Factash Editora, 2003. p.137-174.

BIOTO, P. A. “Pressupostos teóricos da investigação sobre formação de professores”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

COSTA, R. P. D. **Experiências de Formação do professor artista**: cenários de apaixonamento entre teatro e educação no curso de Graduação em Teatro: Licenciatura da FUNDARTE/UERGS. Porto Alegre, UFRGS, 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CRUZ, L. M; FERREIRA, L.G. A Formação Stricto Sensu e seus Contributos para Prática Docente: um estudo freireano. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, ano V, v. 14, n. 42, p. 529-551, 2023.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CUNHA, M. I. da. **O professor universitário na transcrição de paradigmas**. 2. ed. Araraquara: JM Editora, 2005.

DINIZ-PEREIRA, J. E. **Formação de professores**: pesquisas, representações e poder. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FELTRAN, R; A sabedoria no melhor professor universitário. In: MALUSÁ, S; FELTRAN, R.C. de S. (Orgs.). **A Prática da docência universitária**. São Paulo: Factash Editora, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.





DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES  
SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. Panorama da coleta de dados na pesquisa qualitativa. **Pesquisa Pedagógica**: do projeto à implementação. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LARROSA, J. “Notas sobre experiência e o saber de experiência”. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28 jan/fev/mar/abr, 2002.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2. p. 04-27, jul./dez. 2011.

LIBÂNEO, J. C. **O ensino de graduação na universidade** – a aula universitária. Texto apresentado na XII Semana de Planejamento Acadêmico Integrado da Universidade Católica de Goiás (UCG), 2003. p. 01-13. Disponível em:  
[https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html?action=readFile&file=O\\_ensino\\_de\\_graduacao\\_A\\_aula\\_universitaria\\_Libaneo.pdf&current=/AI/CIP/Planejamento\\_anual\\_de\\_aula](https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html?action=readFile&file=O_ensino_de_graduacao_A_aula_universitaria_Libaneo.pdf&current=/AI/CIP/Planejamento_anual_de_aula). Acesso em: 26 jan. 2023.

LOPONTE, L. G. Arte e estética da docência: conversas com Nietzsche e Foucault. **Educação e Arte**, Santa Catarina, UDESC, n. 16. ANPED/SUL, 2008.

MALUSÁ, S. Investigação sobre a atualização docente no ensino superior. In: MALUSÁ, S; FELTRAN, R.C. de S. (Orgs.). **A Prática da docência universitária**. São Paulo: Factash Editora, 2003. p.137-174.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

TEIXEIRA, G. F. M. Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes. **Boletim Técnico do Senac.**, v. 35, n. 1, p. 28-37, jan./abr. 2009.

TELLES, N. Paragens de um artista-docente-pesquisador. In: TELLES, N. (Org.). **Pesquisa em Artes Cênicas**: textos e temas. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012. p. 45-58.

PAPI, S. de O. G. **Professoras iniciantes bem-sucedidas**: um estudo sobre seu desenvolvimento profissional. 2011. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

RABELLO, R. S. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é: arte e ludicidade na formação do professor. In: D’AVILA, C. (Org.). **Ser professor na contemporaneidade**: desafios, ludicidade e protagonismo. 2. ed. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 91-105.



# DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA NOS CURSOS DE ARTES: PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE O FAZER DOCENTE

Paloma Oliveira Bezerra • Narciso Laranjeira Telles da Silva

## SOBRE O/AS AUTOR/AS

**Paloma Oliveira Bezerra.** Doutoranda em Educação pela UFBA. Docente na Universidade Estadual de Santa Cruz – DCIE. Mestre em Educação pela UFU. [https://  
http://lattes.cnpq.br/9993941143228507](https://lattes.cnpq.br/9993941143228507)

**Narciso Laranjeira Telles da Silva.** Professor Associado II na UFU. Doutor em Teatro pela UNIRIO. Ator, diretor e professor do Curso de Teatro. Bolsista PQ - 1D - CNPq-  
<http://lattes.cnpq.br/7159513683604358>

## Como citar

BEZERRA, Paloma Oliveira; SILVA, Narciso Laranjeira Telles da. Docência Universitária nos cursos de artes: percepções discentes sobre o fazer docente. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 5, n. 12, p. 1-18, jan./dez, 2024.

